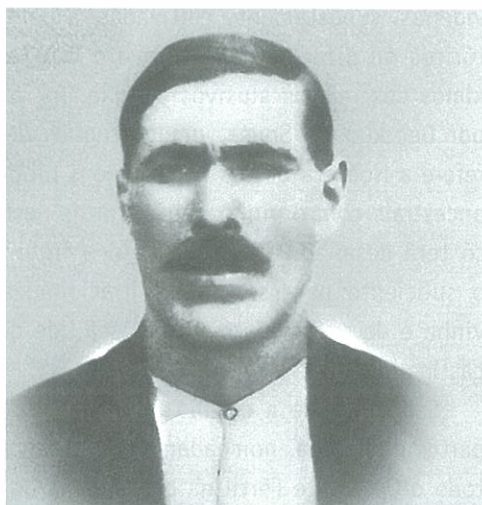


O Homo Duriense e a sua identidade

(um perfil sociológico e cultural)

Manuel da Silva Marques *



Perfil sócio-cultural do Homo Duriense

Comecemos por uma citação para que melhor nos ajude a definir e a retractor este Homo: «Os heróis que «moirejam» e padecem consagram-se, como titãs, teluricamente empenhados». Estas palavras são de Altino Moreira Cardoso, um homem

* Homo Duriense e Presidente do Círculo de Cultura e de Desenvolvimento do Alto-Douro, nasceu na Quinta da Pedra Caldeira de Baixo, uma das casas que a albufeira de Bagaúste engoliu, continuando a sentir orgulho de ser neto do Gregório da Silva e de Maria Mequelina que tão bem encaixavam neste tipo de perfil de Homo Duriense.

do Douro, retirada do seu livro «O Homem do Douro» alusivo aos contos de João Araújo Correia.

Reconheço ser para mim um grande atrevimento e ousadia, quiçá uma desilusão para os nossos leitores, o intentarmos viajar no tempo à procura das raízes que insiram este Homo, há já tantos séculos radicado nesta região, sobretudo no Douro Superior, como um dos últimos lugares da presença do Homo de Neanthertal, da era glaciária face às características endógenas desta região, a que, ainda hoje, denominamos por Terra Quente.

Mais certas do que dúvidas teremos quanto à possibilidade de o Alto Douro ter sido escolhido pelo Homo Sapiens Sapiens, na versão de Cromagnon, como terra «prometida» para aqui se sedimentar e enraizar, tantos são os legados históricos aqui encontrados e chegados até nós, através da Arte Rupestre.

Os vestígios paleográficos e epigráficos e as recentes escavações arqueológicas falam-nos, ainda, de que, há mais de 10.000 anos, já existiam nesta região videiras, supostamente cultivadas, a perderem-se nas brumas dos tempos pré-históricos no dizer de Pedro Bravo e Duarte Oliveira. Tais achados estarão bem próximos dos relatos alusivos a Adão, na versão do *Mito Adâmico* tão bem explícita por Deodoro de Sousa, um português de 83 anos radicado no Brasil, quando se refere a Noé e a outros personagens bíblicos, deixando-nos transparecer contactos ancestrais com o vinho pelos efeitos desta bebida alcoólica. Supostamente, Adão, só terá desafiado Deus comendo o fruto da árvore da vida, depois de ter bebido o suficiente para se turbar, irracionalizando-se muito antes deste plantar uma vinha e de se ter embriagado após a lide do fabrico do vinho. (Aqui já Deus o teria castigado).

Sabemos que a cultura do vinho era já, no século II A.C., extensiva a várias partes da Europa, nomeadamente da Campânia, da Gália, das margens do Nilo e em todo o Crescente Fértil na confluência do Tigre e do Eufrates. O tão falado Paraíso Terreal deverá ter pertencido aos Sumérios onde já era grande o desenvolvimento do cultivo e da comercialização do vinho.

Marco Pôncio Catão (332-149 A. C.) legou-nos uma valiosa obra sobre agricultura denominada *De Re Rustica* onde, desde o capítulo 19 ao 49º, se ocupa da vitivinicultura.

Todo este interesse pela videira e pela vinha, primeiro como alimento e, mais tarde, com a sua fermentação, pelos seus efeitos embriagantes, data desde quando estes povos foram obrigados a guardar os frutos, dos quais, alguns, fermentavam e, a partir deles, passaram a utilizá-los como bebidas alcoólicas tornando-os mais eufóricos, mais felizes, mais alegres, mais desinibidos, mais «soltos».



Todos conhecemos a apetência dos Romanos pelo vinho e a necessidade que estes sentiram de mandar arrancar as cepas do Alto Douro já que, o vinho das outras partes, nomeadamente da Itália, deixara de se vender e, por outra parte, os exércitos ficaram mais torpes e menos agressivos como se depreende do facto, histórico ou não, de Viriato e, mais tarde de Sertório terem sido vencidas as guerras com os Lusitanos, só e após os terem embebedado e serem mortos em banquetes para o efeito mandados «encomendar».

Sabemos ainda que, no Império Romano, o vinho da Lusitânia era já um produto tão comerciável que, segundo Strabão, Políbio, Deodoro da Secília, Ptolomeu e outros, se escoava rapidamente.

Após a reconquista feita nos reinados de D. Afonso Henriques até D. Afonso III, as gentes do Douro eram muito diminutas e muito dispersas devido à desertificação provocada pelos Romanos e pelos Bárbaros. Foram precisamente os Árabes que, após a conquista da Península, deram um grande incremento à vinha pelo Alentejo, Estremadura e Beiras até Coimbra.

Todavia a região Norte continuava a ser uma terra de passagem onde os povos não se fixavam e a cultura da vinha era pouco estimulada. Tal não aconteceu após a ocupação Árabe pois, ao gostarem muito desta região porque lhes era afim, decidiram-se pela sua fixação dado que o seu calor e os produtos agrícolas aqui cultivados lhes lembrava o Norte de África. O clima era do tipo Mediterrânico, as culturas eram muito semelhantes, os montes lembravam-lhes as suas cordilheiras a Norte, e a própria terra, mesmo pedregosa, parecia-lhes abençoada.

Não admira, portanto que, muitos destes Árabes, não quisessem sair desta região mesmo quando foram obrigados logo e após a reconquista da Península efectuada pelos Cristãos. A prová-lo está que, Édras Martins, filho de Egas Erminges, Senhor de Riba Douro e Tenente das Terras de Armamar e Lamego, último Rei Mouro, depois de rendidas as suas gentes, acabou por se deixar ficar nesta região o que, para tanto, tivera que se converter ao Cristianismo. Com este acto conseguirá, então, continuar à frente destas terras como Governador do vasto «distrito» ou circunscrição de Lamego bem como, parte das suas gentes, fixaram aqui residência.

Esta situação levava à fixação de muitos «moiros» nesta região e, com eles, o plantio da vinha, secundado em paralelo com o incremento dado pelos Mosteiros e pelas Ordens Religiosas pertencentes aos monges de Cister, Beneditinos de Salzedes e S. João de Tarouca, onde, ainda hoje, se fabrica um espumante, método champanhês, dos mais afamados do nosso País. A vinha passou a ser, nesta região, a principal riqueza, tese muito bem defendida pelos historiadores Duarte Nunes de Leão e Duarte Galvão, entre outros.

De então para cá, com esse esforço de repovoamento, a que não foi alheia a presença de muitos nobres franceses, flamengos e de outros povos da Europa Central, a cultura da vinha tornou-se flurescente generalizando-se o seu plantio mais no Douro Sul que no Douro Norte. O Alto Douro foi espalhando a fama dos seus vinhos, agora também conhecidos e apreciados, a par dos vinhos de Alcobaça, Coimbra e Lisboa (Ameixoeira), Seixal e Caparica sendo a vitivinicultura a «alma mater» da agricultura portuguesa no dizer de Lopes de Carvalho em «Portugal Agrícola».

Na Alta Idade Média e sobretudo a partir dos séculos XV e XVI, o vinho marca «Porto», neto dos vinhos Franceses que Allen Warner chama de *vinhos da filosofia* no seu livro *The Romance of Wine*, produzia-se em *Riba Doyro* ou Cima Doyro. Era um *vinho generoso*, como lhe chamava Damião de Góis e que, Camões e Gil Vicente, denominaram de *vinhos velhos*, cheirosos e odoríferos quando se referiam sobretudo aos vinhos de Lamego. Na esteira de Pasteur que dizia que o vinho era a mais sã e higiênica das bebidas, António Cid, ao falar dos vinhos desta região, qualifica-os de vinhos de repasto ou de consumo e de vinhos de passa ou cozidos quando comparados com os outros vinhos licorosos e cheirudos do mundo.

Mas o que mais nos surpreende foi a sua procura ancestral a justificar a razão pela qual os Romanos acabaram com o arranque, quase total, dos seus vinhedos e, só por influência dos Árabes, a vitivinicultura florescerá e os termos cava, redra, empa, mergulha, esfolha, e outros, passaram a ser métodos da cultura da vinha em voga nesta região, onde os barcos desciam carregados de *Riba Doyro* até ao Porto com pão, frutas e vinhos. Para se estimular a sua venda, o comércio do vinho tinha isenção de sisa, portagem, real de água, açougagens e peagens quando este fosse produzido pelo próprio ou então comprado desde que fosse para consumo particular.

Com o advento do século XV o comércio do vinho do Douro atinge tal repercussão que, como já dissemos, Lamego passa a ser o maior entreposto nacional de comercialização do vinho sendo, dali, que se abastecia o Porto. Todavia os impostos já eram mais que muitos na tributação, desde o produtor ao consumidor, tais como as talhas, as sisas, o real de água, entre outros, chegando o vinho a ser o produto mais tributado em Portugal.

Todo este processo de ascensão da vitivinicultura foi lento, facilitante no princípio quando era preciso estimular a produção mas, mais tarde, tarifado com diversos requisitos para ser vendido como já afirmamos.

É neste contexto que nasce no Alto-Douro um Homo geneticamente híbrido, mas com três marcas dignas de registo que lhe conferiram um determinado tipo de



identidade: a marca **Lusitana** da qual herdara a dureza, a força, o espírito de luta do antes quebrar que torcer; dos **Romanos** a técnica e a qualidade de vida pautada numa agricultura desenvolvida e estendida até aos vales e, dos **Árabes**, pelo gosto de cultivar a vinha que, com os Romanos, lhes fora negado.

Assim a passagem destas influências, sobretudo da Árabe, passa a ser muito notória desde a toponímia, à linguagem escrita e falada, aos vários utensílios tais como a nora, albarda, almocreve, as adufas ou rótulos, os balaústres e os «engenhos» de tirar água, entre tantas outras *marcas* da sua passagem e fixação nesta região, não esquecendo a palavra almanaque que chegou, cheia de significado, até aos nossos dias. O vocabulário é rico de expressões árabes que não se coadunam com o suposto pouco tempo que estes por aqui teriam permanecido: aluvial, cardelho (palhal), mangual, cantrocho (lugar), fafide (vale), atafona (moinho), bem como muitas das palavras indicando lugares e, terminadas em «al», tais como alijó, alcouce, almoinha (encosta), entre outras, nomes de pessoas tais como Albano, Alberto, Altino, Alcides, nomes de homens e Sofia, Isaíra, para não falarmos das muitas mulheres a quem lhes foi dado o nome de Maria, simplesmente, ou, de isto ou daquilo, transportam-nos para uma língua viva de roupagem árabe.

Sem estes elementos e sem estes conhecimentos, pautados pelo saber árabe e pelo seu gosto telúrico a este chão, arriscar-se-ia dizer que este Homo não teria a mesma dimensão e desenvoltura com que chegara até aos nossos dias. Quem não se recorda da plantação e cultura do bicho da seda? As amoreiras dispersas por toda esta região foram introduzidas por este povo bem como a frequência com que os pratos de culinária mais gostosos, tais como o cabrito, são, ainda hoje, temperados com a hortelã, uma das muitas plantas utilizadas como tempero e como chã, a bebida nacional árabe.

Foi este saber pautado por toda uma capacidade deste povo de fazer chegar ao mundo ocidental os conhecimentos da civilização clássica que o Cristianismo se preparava para tudo destruir, que fez com que Portugal tivesse, em Sagres, a primeira Universidade Privada do mundo onde, cientistas árabes prepararam os nossos marinheiros para darem “novas ao mundo”.

Seria interessante lançarmos um desafio aos estudiosos desta região a seguirem esta pista, agora deixada, não como ponto de chegada mas como ponto de partida, a começar pelo sotaque bem *martelado* que, esta região, imprime à nossa língua portuguesa.

Todavia esta terra é dura e madrastra. Bernardino Vieira de Oliveira ao falar do Alto-Douro refere: «... o Douro é uma estufa. Dentro dela a flor é exigente. Dá uma

gota de vinho em troca de um suor ou de uma vida. Quem escorropicha, no fundo de um cristal, essa gota de néctar, devia bebê-la como quem celebra um sacrifício.» e ainda «...o vinho não manda chover... manda andar» – in Horizonte Cerrado de João Araújo Correia.

É nesta filosofia de vida pautada por uma religiosidade híbrida que os habitantes do Douro até ao Tratado de Methwen, viveriam muito pobremente é certo, (a rentabilização da vinha só foi possível após a demolição do bloco de pedra que impedia a navegabilidade do Douro, no Cachão da Valeira), mas com toda uma mística, uma fé inquebrantável no seu ego, na sua força e no seu ideal de vida.

No século XVII as terras que confinavam a margem esquerda do Corgo e a direita do Sabor eram de todas as mais pobres do Reino e não fora a habilidade dos Ingleses após terem sido expulsos da Galiza, nos finais do século XVII, onde mantinham o monopólio dos afamados vinhos galegos, o Alto-Douro continuaria sem desenvolvimento, sem riqueza pese o encanto das suas belezas naturais e da estirpe de Homo que o habitava.

Este Tratado foi estabelecido, como sabemos, em 1678, mas suponho que nunca fôra bem explicado, por quem de direito. Da parte dos Ingleses estamos cientes que foi bem pensado, pois, por Lamego, já se viam muitos comerciantes estrangeiros que levavam este vinho para a Inglaterra por este ser muito cobiçado pelos vassallos de sua Majestade, o que nos leva a pensar de uma intencionalidade unilateral.

Chegados a este ponto como definir a identidade sócio-cultural deste Homo? Pensamos estarem reunidos todos os ingredientes para que, geneticamente, e através de uma herança colectiva tipo arquétipo Platónico, se tivesse constituído um híbrido com genes dos **povos primitivos**, genes da **civilização Celtibera**, genes dos povos ligados à **Romanização**, aos **Bárbaros** e aos **Cruzados** que nos ajudaram na reconquista e com genes que, pensamos, serem oriundos fundamentalmente do **Norte de África** onde a mescla de Árabes com os autóctones acabara por criar uma mesclagem a que lhe chamaram de **Moçárabes**. Ao certo, sabemos que os Árabes juraram fidelidade a esta Terra optando por aqui viver. A testar esta afirmação sabemos que, após a reconquista, o rei mouro conta com as forças militares cristãs no sentido de continuar na terra de Lamego e de Armamar desde que o deixassem como rei. Para tanto aceitaria converter-se ao cristianismo. Deste modo pensamos que o Homo Duriense é único no desafiar os Deuses intentando ir ao seu encontro, e a gerar um vínculo ancestral, quase transcendente, de quem soube impor, através da sua força física e anímica, um perpetuar de continuidade e de afirmação a um «chão» que, na época das colheitas, lhe respondia com generosidade aos seus anseios.



Uma Família Duriense supostamente marcada por matriz Árabe

Será esta questão de sobrevivência e de honra que levara este Homo a impor uma fasquia muito alta a si próprio e aos «outros» como que de vida ou de morte se tratasse, num permanente esforço em transmitir esta *herança*, de geração em geração.

É neste modo de estar que a influência Árabe é ainda mais sentida não só pela sua vivência religiosa um tanto ou quanto mesclada por uma atitude de subjugação, quer terrena quer espiritual, mas por toda uma identidade onde se «cava» uma personalidade sui generis mas de valor e alcance inigualáveis.

O seu conceito de «servo» é sentido no seu quotidiano mesmo nas horas de lazer mas sem nunca aceitar a ideia de «escravidão»:

«Vinho fino do Alto-Douro,
De forte me fez falar,
Põe-me alegre, põe-me fino,
Só me estrova a andar.»

O conceito de liberdade é também muito sentido neste Homo quando nos canta:

«São tão bonitas as carvoeiras,
São mais catitas as feiticeiras,

Ó que belo rancho, ó que bela mocidade,
 Dançai raparigas, viva a liberdade
 Liberdade, liberdade,
 Quem a tem, chame-a sua
 Eu nunca tive liberdade
 Nem de pôr os pés na rua».

Este é o Homo Duriense que quisemos apresentar-lhes embora todos o conheçam, pois, dele, já se tem falado muito e por diversa gente, também ela, interessada em descobri-lo e conhecê-lo: João Araújo Correia, Agostinho Campos Ferreira, António M. Pires Cabral, Amorim de Carvalho, Braga do Amaral, Agustina Bessa-Luís, Altino Moreira Cardoso, entre outros.

Este Homo que supostamente pode levar-nos a desvalorizá-lo, traz consigo o peso da fatalidade para impor a sua sobrevivência onde, por vezes, ora o vemos queixoso, vitimizado frente ao suor do seu rosto, em que cada dia se torna mais um dia como que de uma longa aventura se tratasse, fazendo-nos pensar na *Elíada*, na *Odisseia* ou nos *Lusíadas* ao vermos percorrer todo um percurso no qual, por toque de magia, se realiza o milagre em todos os anos se concretizar o sonho de Promoteu, pela encarnação cíclica da obra criada no espaço de cada ano.

A este Homo Duriense acresce ainda outro condimento: o seu fino trato faz com que deixe transparecer profundas «marcas» dos *senhores* do capital ou de *comerciantes* sem escrúpulos, que explorando a sua inocência, a sua ingenuidade e a sua bondade, foi humilhado e subjogado sem dó nem piedade. Ousadamente queremos pois, apresentar-vos este Homo que, após o termos longitudinalmente observado, tipificamo-lo em retrato robot da seguinte forma:

- **Fisicamente:** é baixo, de estrutura e biótipo pícnico, corpulento, atarracado, de ossos largos, olhos claros, azuis ou verdes, cabelo castanho claro, quebra-diço e raro.
- **Psicologicamente:** é “osso” duro de roer, ousado, destemido, obstinado, corajoso, audaz, de certa forma aventureiro. Dotado de uma grande força anímica, tem um perfil humanista, mas morre ao serviço da palavra dada e mata pela sua razão. Sensível e afectivo está muito de acordo com a sua estrutura de carácter ciclotímico do tipo sazonal: cabisbaixo no inverno, loquaz e palrador no Verão.
- **Sociologicamente:** gosta de ser admirado mas, ao mesmo tempo, é subserviente. Sociável e determinado, gosta de criar amigos e por eles é capaz de dar a camisa do corpo. Firme na palavra dada que vale mais que uma riqueza,



aposta numa hierarquia social e familiar e preza muito o chão que o viu nascer preferindo morrer de pé a que alguém lhe pise o calcanhar.

- **Religiosamente:** fatalista, crente, supersticioso e fundamentalista. (quicá uma prerrogativa herdada dos Árabes). É profundamente dado a uma religiosidade onde a *forma* é mais importante que o *conteúdo*, misturando a crença com o acto pagão, recorrendo muito à charada, ao jocoso, à imaginação criadora nas anedotas e nas suas fanfarronices ligadas à religião.

Numa só palavra: o Homo Duriense é único a saber *lutar, cavar, suar...*

Quanto ao Homo Feminino o seu traço e perfil é muito menos acentuado: **Fisicamente** é de estatura mediana tende para a obesidade, os olhos são castanhos, de cabelo castanho escuro e farto. **Psicologicamente** é também destemida, corajosa e dotada de grande força anímica. Sensível e afectiva é muito dada a ser maternal e muito investida e preocupada com os filhos, a família e as pessoas carenciadas. Aceita e compreende muito bem o seu lugar na hierarquia, partindo sempre de uma máxima de que «lá em casa manda ela, mas nela (marido) manda ele». **Sociologicamente** gosta de dar nas vistas e de cuidar o seu corpo sobretudo do cabelo. É sociável mas bastante reservada, sempre preocupada por não cair em desgraça, desgostando o marido, sobretudo com ele presente. Aceita bem uma outra máxima comum nesta região: «onde canta galo não canta galinha». **Religiosamente** é crente, se possível praticante embora não prescindia das crenças em espíritos, bruxaria e outras artes em conciliar o religioso com o pagão. Contrariamente ao Homo Masculino é temente a Deus e rejeita recorrer à charada e ao jocoso quando fala de religião.

Mas será este Homo que descrevemos ser *originário* no Alto Douro onde, em cada palmo da sua paisagem, se cria um monumento erguido à sua ousadia e à sua destimidez. Por saber empírico notamos que, em contrapartida, o vemos curvado frente à «fatalidade da sua sobrevivência... Das suas fontes, escorrem suores de todos os desesperos uma vez que «moirejar» (daí a frase: trabalhar como um moiro, muito usada nesta região) não seja sinónimo de padecer mas sim de trabalhar...».

Mas este Homo Duriense é virado também para os rituais daí que, as suas refeições, sejam sagradas: Com todos à mesa, à mesma hora, começa-se pelo mata bicho, ao nascer do sol, o almoço pelas 10 horas, o jantar pelas 13.30 horas, a merenda pelas 17, a ceia pelas 21 horas e o ciote pelas 24 quando existam traba-

lhos nocturnos. A sesta, um ritual enraizado na península Ibérica, sobretudo em Espanha, quiçá um ritual de índole islâmico, é para se respeitar: «... onde há sol há preguiça...» justifica-se. Os toques das Trindades são para que todos parem no lugar em que se encontrem fazendo-nos lembrar a hora de orar dos Árabes. Ao seu toque todos param para rezar, de manhã, ao nascer do Sol, ao meio dia, e ao fim da tarde com o sol pôr, ritual que se repete todos os dias.

Reconhecendo que o vinho e seus derivados, continuam a ser o seu elixir, a sua droga enebriante. A noção de que o vinho é único em fonte de prazer, de alienação e de factor desinibitório faz com que este entre em todos os rituais, sagrados e profanos, desde os mais rotineiros aos mais praticados em dias especiais de festa: «Aquele pingueiro de uma figa, metera os beiços à pipa com tanta garra que, se não o tivesse de lá tirado, parecia capaz de a despejar de uma só vez».

A esta necessidade de usar o vinho e da experiência do seu abuso se dá conta nas suas canções onde a influência Árabe é mais sentida.

Uma parte significativa do folclore com esta matriz Árabe é feita nos salmos com canto a solo logo secundado pelos demais em coro: Medrões, concelho de Santa Marta de Penaguião, o seu Rancho Folclórico local, tem um rico e largo espólio onde se torna nítida a presença Árabe, do qual iremos transcrever alguns dos seus textos por gentileza da Senhora D. Filomena responsável por este Grupo de Folclore.

Até nós chegou também o «Reservado» ou «Escondidinho» como lugar onde certas pessoas mais afeccionadas à bebida se encontram, longe do olhar e da crítica social a recordar que, ainda hoje, as tabernas, quer árabes quer nacionais, recorrem a esta prática para tornar possível o uso / abuso do vinho sem serem vistos.

«Que Deus me perdoe» «Vou fechar os olhos para que Deus não me veja», ou outras expressões, são como uma espécie de acusação feita pela voz da consciência a dizer a cada um dos que frequentam este Escondidinho que não deveriam utilizar este local, lugar de perversão e de «pecado», pois, para a religião Muçulmana, alguém que beba bebidas alcoólicas, será tida como pessoa descontrolada e viciada, sendo obrigado a denunciar-se essa pessoa às entidades competentes para que recebam um castigo por ser considerado grave tal façanha se beber essas bebidas em público.

Conhecemos este Homo porque defendemos causa própria. A sua nobreza de carácter não enjeita a sua responsabilidade de ser digno, de ser altaneiro e de, ele próprio, dirigir a sua vida pela sua cabeça e iniciativa em ganhar, por si, o pão de cada dia.

Vossa Excelência, Vossa Senhoria, Senhor Patrão, Senhora Patroa é o tratamento dado por si às pessoas julgadas superiores. Mas a delicadeza do «vossemecê», e



«você» pode implicar a obrigação dos filhos se tratarem uns aos outros desta forma. Pedir a benção aos pais e familiares mais próximos sem qualquer limite de idade, passar por outrém e dizer-lhe: «Vá com Deus», «Valha-me Deus», «Deus te guie», «Deus te abençõe», «Bom Dia nos dê Deus», «Louvado seja ...» são, ainda hoje, referências de um passado que persiste fruto deste tipo de confluências.

Ainda hoje este Homo, ritualmente, trabalha de sol a sol, e, no Verão, pela noite dentro na labuta do campo. Usa chapéu e faz chapelada ao rico. Vai à missa ao Domingo com a melhor roupa e leva o relógio de bolso no colete acorrentado com correntes de prata. Num gesto altaneiro e cabeça levantada, espevita, ainda um bigode farto ainda hoje identificador da sua personalidade que muito preza e, perante os outros, tem sempre uma oratória inflamada onde o seu fanfarronismo o leva a cometer alguns excessos, sejam o de beliscar a moral, falar contra a religião, cobiçar a mulher alheia e de mandriar quando acha que o deve fazer e desrespeitar as «regras» estabelecidas mesmo quando estas são constituídas por ameaças e gracejos ao Criador no ribombar do trovão ameaçador, tão exuberante nesta região, seja o de defender, até à última gota, as suas próprias convicções.

Mas não julguem que este Homo não é solidário. É certo que o amor pode dar lugar ao ódio se ele acreditar que, alguém, o quer ultrapassar, pisar ou prejudicar a si, ao familiar e ao amigo maltratado, amordaçado e quantas vezes batido e caído por terra: «...X agarrou uma espingarda, reviu os zagalotes na cartoxeira e dispôs-se a fazer frente aos que o procurassem...» e «...mato-o que nem um cão...» ou «...Faço e aconteço em cima do dinheiro. Daqui é que não saio. Nem eu nem a vaca. Diz lá, Carola, nós não saímos daqui, pois não?...» in Terra Ingrata de João Araújo Correia. Daí a frequência dos suicídios e dos assassinatos em que a honra se engrandece e o arrependimento fala mais alto que a cobardia.

Antes de terminar gostaríamos de fazer três citações da obra de João Araújo Correia que melhor nos ajuda a definir o carácter e a personalidade deste Homo: «...o Gaio (Homo Duriense), pássaro seco, meio depenado, tinha carácter. Tinha carácter com quatro pipas de vinho! Se colhesse mil não haveria no Mundo carácter como o dele» excerto de Terra Ingrata. O seu ar fanfarrão leva-o facilmente ao jogo satírico e ao trocadilho, tocando, por vezes, uma certa dose de ingenuidade e de fanfarronismo sobretudo quando fala de ou com mulheres:

«Las mujeres de Alcocillo
compraram una romana
para pesarem las tetas
tres veces por semana»

ou com animais:

«Sandão, um dos do grupo, dando-lhe um desejo estranho de brincar com o podengo (cão), pegou num pedaço de tojo e, com a ajuda do Espanhol, amarrou-lhe pacientemente à cauda... levando o rafeiro atrás deles... A canalha exultava até que outra voz se lembrou: E se lhe deitasses o fogo? Todos riram... exuberante de alegria, como um cachopo, o taberneiro voltava de papel numa mão e de tenaz com uma brasa na outra desejoso de ver o podengo com um rabo de fogo...»

Denotam, ainda, traços de carácter as seguintes frases:

«...O Paraíso (chão duriense) era mais que luz dos seus olhos azuis. Estru-mava-o, cavava-o, podava-lhe as vides» de Contos Bárbaros, ou «...o vinho do Douro, criado na fraguaria é o verdadeiro sangue de Cristo...», ainda, «...fazer um astro com as mãos...» metáfora para explicar a força deste Homem comparando-a com a força que tudo movimenta à sua volta: o Sol. Também é sua a expressão de «...o Sol engarrafado...» ao referir-se ao Port Wine dos ingleses, nas palavras de Alves Redol.

É este Homo que, desde cedo, é educado para a dureza, a passar mal, aceitar o sofrimento na labuta do campo onde «...tem de tirar as pedras para pôr o pé e, depois, fazer o mesmo ao outro pé».

Mas não é só no trabalho que as videiras dão, que identifica alguns traços de personalidade deste Homo, são também os sustos que o tempo trás, para ainda sofrer momentos sem fim à espera da vez, do dinheiro que é pago tarde e más horas ou de mais uma das muitas ilusões que vai apanhando pela vida fora.

O sofrimento redentor é a tônica que este Homo imprime à sua vida colorida com o cenário das pedras do solo, da ravina e do peso da labuta.

Este Homem vive a sua vida como um melodrama onde a aventura, o medo, a raiva, a força, o génio do tipo colérico, a angústia e a vingança não consumada, alterna com o seu pragmatismo e espírito aberto.

As palavras inferno, perdão, redenção, Maria Dolores ou Maria das Dores, Senhor dos Aflitos juntam-se aos Senhores de tudo e de mais alguma coisa complementado com as Santas e as Senhoras de isto e daquilo e dos outros Santos que são evocados para acudir à desgraça, à sobrevivência e ao desassossego.

As palavras enlouquecer, resignação, vexame, intriga, cobardia, vingança entram em uníssono pelas ouvidos deste Homo quer nas súplicas feitas ao Criador



pelos seus filhos, quer as nas orações das esposas que, evocando o sobrenatural, procuram o conforto e o arrependimento dos seus males e pecados para que as mulheres, os filhos e os idosos tenham uma vida menos atormentada e se salvem do inferno.

A concluir:

- o vinho, de uma forma particular e os efeitos do álcool de uma forma geral, fazem parte integrante da vivência deste Homo o primeiro como **bebida cultural**, o vinho, o segundo como **droga original**, o álcool.
- A realidade sociológica desta região permite-nos melhor compreender este tipo de Homo, ao valermo-nos de estudos e de atitudes que diluam «marcas» ancestrais onde o relevo, o tipo de habitat e o tipo de aculturação fizeram-no peculiar, passível de um estudo multidisciplinar que intente rentabilizar a identidade e as demais potencialidades desta região e deste Homo.
- Esta simbiose, única no mundo, foi passível de uma aculturação no tempo a ponto de se poder constituir de *referência nacional* onde, o nosso *auto-conceito*, tão distante no presente, possa levar Portugal a reconquistar a *auto-estima* que lhe pertence de direito, pois a vivência deste Homo é o testemunho vivo, de um povo que sempre soube, ao longo da sua História, dar «novas» ao Mundo, assumindo-se no séc. XVI, como centro do Mundo e Lisboa a sua capital. Pena é que, por tal lição de vida, sempre o tenham maltratado, dividido ao meio e sempre lhe impusessem pessoas que, por ignorância ou desprimor, não possam, não queiram ou não saibam lidar com um Homem que sempre tem teve orgulho do nome de Portugal.



